



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre *gênerossexualidades* desviantes?**“IF THEY CLOSE A DOOR, WE JUMP OUT THE WINDOW”**: what have the daily routines of the Pedagogy course told us about deviant gendersexualities?**“SI CIERRAN UNA PUERTA, SALTAMOS POR LA VENTANA”**: ¿qué nos han dicho las rutinas diarias del curso de Pedagogía sobre las *genessexualidades* desviadas?José Rodolfo do Nascimento Pereira
Jeane Félix da Silva
Ana Cláudia da Silva Rodrigues**RESUMO**

Esse *manifestotextual* objetiva conversar com os cotidianos do curso de Pedagogia e seus atravessamentos de *gênerossexualidades* desviantes na perspectiva de entender como estão enredadas as questões que se desviam da heteronorma. Por meio de observações e conversas, e em uma perspectiva pós-estruturalista, pensamos as possibilidades que fazem a vida, que é incontrollável, proliferar. Conversar com o curso de Pedagogia nos tem feito pensar que, diante dos contextos que vivemos, é preciso criar movimentos de resistência que possam esperar e produzir um mundo menos desigual.

Palavras-chave: Gênerossexualidades; Pedagogia; Desvio; Cotidianos.

ABSTRACT

This textual manifesto aims to talk about the daily lives of the Pedagogy course and its crossings of deviant gendersexualities with a view to understanding how issues that deviate from the heteronorm are involved. Through observations and conversations, and from a post-structuralist perspective, we think about the possibilities that make life, which is uncontrollable, proliferate. Talking to the Pedagogy course has made us think that, given the contexts we live in it is necessary to create resistance movements that can hope and produce a less unequal world.

Keywords: Gendersexualities; Pedagogy; Deviation; Daily life.

RESUMEN

Este manifiesto textual tiene como objetivo hablar sobre el cotidiano de la carrera de Pedagogía y sus cruces de género sexualidades desviadas con miras a comprender cómo intervienen cuestiones que se desvían de la heteronorma. A través de observaciones y conversaciones, y desde una perspectiva postestructuralista, pensamos en las posibilidades que hacen que la vida, que es incontrollable, prolifere. Hablar con el curso de Pedagogía nos ha hecho pensar que, dados los contextos que vivimos, es necesario crear movimientos de resistencia que puedan esperar y producir un mundo menos desigual.

Palabras clave: Género sexualidades; Pedagogía; Desvío; Vida diaria.

AFRONTAS COTIDIANAS: conversando com os modos desobedientes de fazer pesquisa nos/dos/com cotidianos

Oliveira (2022) já nos lembra que a humanidade é fruto da desobediência e nós só aprendemos porque desobedecemos. Senão, só repetíamos e seríamos meras/es/os reprodutoras/es, espectadoras/es da vida. O cotidiano como um lugar do incerto, do escorregadio e da feitiçaria não se deixa emoldurar. Ele é caça indomável. O cotidiano se configura como um “tempo/lugar do pequeno, do desprezível, do sem-importância, do irrelevante, do episódico, do fragmento e do repetitivo” (ESTEBAN, 2003, p. 02).

O cotidiano é um lugar de olhar para o singular das pluralidades apostando em um processo de “transformação dos modos de interação entre os diferentes sujeitos, grupos, sistema de pensamentos, de crenças e de valores, horizontalizando-os”. Nesse sentido, contribui “para a viabilização da igualdade na diferença, de relações sociais de solidariedade, de cooperação mútua” (OLIVEIRA & SGARBI, 2008, p. 85), que investe na potência das diferenças culturais, sociais e históricas.

Partindo da perspectiva de descentramento do conhecimento herdado da modernidade para ver a teoria como potência, mas, ao mesmo tempo, como limite (ALVES, 2001) para as nossas aprendizagens, o movimento cotidiano centra-se nas práticas (GARCIA, 2003) microbianas (SGARBI e OLIVEIRA, 2008) que o cotidiano nos desafia a compreender. Ele se aproxima da teoria para beber em todas as fontes (ALVES, 2003) mas, duvidando dela a todo momento para privilegiar a prática em detrimento da teoria, fazendo assim um movimento em torno da relação *prácticateoriaprática* (GARCIA, 2003).

Diferente da ciência moderna, na perspectiva da Teoria do Cotidiano, o que convalida a teoria é a prática. Desse modo, “parto da prática, vamos à teoria a fim de compreendermos e à prática retornamos com a teoria ressignificada, atualizada, recriada, dela nos valendo para melhor interferirmos na prática” (GARCIA, 2003, p. 12). Assim, fazemos uma sucessão de cambalhotas e giros desordenados na cientificidade, desorientando-a por meio de conversas que se constroem na/da/com a prática e com os cotidianos do curso de Pedagogia.

Quem nunca entrou em uma conversa sem saber no que iria dar, não é mesmo? Uma conversa não tem início, nem meio e muito menos fim. Só pontos de encontro. Quem chega, vai entrando, saindo, se ausentando. A conversa é um acontecimento (DELEUZE, 1992). Por isso, acontece sem que ninguém tenha que começá-la. Uma conversa não busca “acordos ou desacordos senão tensões entre duas [ou mais] biografias que se apresentam na hora do encontro” (SKLIAR, 2018, p. 12). É, portanto, um terreno fluído, complexo e complicado porque “as pessoas estão falando uma das outras” (PINAR, 2012, p. 35).

Mas, essa é a potência da conversa como um caminho, inclusive, escolhido para este *manifestotextual*. Ele é feito de conversas e de encontros (DELEUZE, 2003). Por isso, temos nos aproximado delas para pensar com o que nos propomos, já que “a conversa é um paradigma do conhecimento” (SUSSEKIND, 2019, p. 271) e instaura o dissenso. Não acreditamos em um conhecimento sacralizado, mas sim atravessado por contradição. É disso que falaremos aqui por meio das narrativas das conversas que acontecem, uma vez que narrar é compartilhar *vivências/experiências*.

O que a conversa faz é imperar lugares em busca de desterritorialização (DELEUZE, 2022) e “forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE, 2022, p. 37) ligadas ao desejo. Ela se manifesta como “potências diabólicas do porvir ou como forças revolucionárias a construir” (DELEUZE, 2022, p. 38), a incomodar o sentido da lógica e produzir sentidos múltiplos, em prol de valorização do que é vulgar e da clandestinidade (CERTEAU, 1994).

A conversa é complicada “porque acontece entre todas/es/os na sociedade” (SUSSEKIND, 2014, p. 25). Logo, é tumultuada, bagunçada. É

muita gente, a um só tempo, falando de lugares, de contextos, com vozes, alturas e realidades diferentes. Por isso, as conversas são tão carregadas de vida. O *manifestotextual* que se escreve aqui é uma manifestação pulsante, viva e repleta de controvérsias que exalam dissenso, gritaria e revolução.

“EU QUERO VER QUEM VAI SE SEGURAR” (...)

(...) Chega o calor, não dá pra controlar
Pressão subiu, já vamo decolar
Eu quero ver quem vai se segurar
Quando isso aqui balançar
Quando a buzina tocar(...)
(BUZINA, Pablio Vittar, 2019).

Calor, movimentos, balanços, alertas, barulhos, presenças, ausências e muitas conversas ruidosas que ecoam e ressoam aqui como um movimento de denúncia, faíscas que se atritam e lutam por sobrevivência e muitas vezes encandeiam, resistindo e criando táticas (CERTEAU, 1994) de proliferação e de outros (modos) possíveis de vida. O *manifestotextual*¹, que assumimos aqui, conversa com cenas da vida cotidiana de um curso de Pedagogia e, portanto, se utilizará de cenas e relatos que “pretendem narrar práticas comuns” (CERTEAU, 1994, p.35) de alunas/es/os que *vivempensamentem*² os cotidianos do curso e seus atravessamentos de gêneros e sexualidades³ que se desviam da heteronorma.

¹ O *manifestotextual* que escrevemos aqui parte do trabalho de tese de um dos/as autores/as que desenvolve uma pesquisa, orientado pelas outras autoras, com o curso de Pedagogia de uma instituição federal. Por isso, utilizaremos a flexão de nossa escrita propositalmente de duas maneiras: na primeira pessoa do singular, sempre que se referir a observações e conversas feitas por ele no *lócus* de sua pesquisa. E, na primeira pessoa do plural, sempre que houver movimentos de desterritorialização e de coletividade no processo de escrita, de construção do pensamento e das nossas ideias de maneira a tecermos redes (ALVES, 2008) de interlocuções.

² Com uma escrita implicada com os estudos com os cotidianos, grafaremos palavras que para nós não se desassociam e, por isso, utilizaremos a justaposição das palavras como investimento teórico, político e epistemológico. Além do que, fazemos isso também como forma de superar as dicotomias do conhecimento herdadas pela modernidade.

³ Utilizaremos aqui as palavras *gênero* e *sexualidade* de dois modos: primeiramente separadas, a fim de apresentá-las como conceitos operativos e, posteriormente, justapostas, por entendermos que, quando olhamos para a produção dos gêneros, estamos também preocupadas/es/os com as questões que produzem, regulam e tensionam as sexualidades. Optamos assim porque, para além de ser esse um investimento político e estético, há um investimento epistemológico que contraria o que versam algumas estudiosas/os de gênero e sexualidades sobre a impossibilidade de correspondência entre as categorias de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2022), uma vez que compreendemos que, à medida que olhamos para o gênero indicado por um sujeito, pensamos no diálogo com a sua sexualidade.

Implicadas/es/os⁴ na condição de docentes e de doutorando que desenvolve sua pesquisa de tese com o curso, além de ser pedagogo formado pela universidade em que a pesquisa se desenvolve, temos percebido com as nossas *vivênciaseperiências* que muitas lacunas quanto às discussões que entremeiam as questões de gêneros e sexualidades se colocam de diferentes maneiras e denunciam certa emergência de diálogos com elas. Por isso, reiteramos a importância de conversar com o curso e pensar em táticas, vistas aqui como ações desviacionistas e, portanto, imprevisíveis (CERTEAU, 1994) e astuciosas que agem por meio de pequenas, mas, não menos potentes ações cotidianas que se preocupem com os desvios de *gênerosexualidades* que estão em movimento, como uma forma de aprendizagens e de potência de vida.

Desse modo, sinalizamos que compreendemos gênero aqui como uma construção social e relacional “trazida para a prática social e tornada parte do processo histórico” (CONNELL, 1995, p. 189) que é implicada com modulações que performatizam as vivências de sujeitos que se constroem performativamente (BUTLER, 2017).

Ainda compreendemos gênero como um fazer performativo (BUTLER, 2017) e, também, como “uma série de ações normativas constritivas que ‘adjetivam’ o sujeito em masculino ou feminino de forma distinta de um tom voluntarioso do próprio sujeito” (DORNELLES, 2013, p. 40). Qualquer outra forma generificada de se identificar, em que haja alguma descontinuidade de gênero, “será punida, controlada, repudiada, reformada” (BUTLER, 2008, p. 97). Vale salientar, porém, que essas questões são sempre disputadas por meio das relações de poder (FOUCAULT, 1996) e estão sempre vulneráveis a fissuras. Queremos dizer com isso que a norma, por vezes, adormece, tropeça, manca e vacila. É aí que os tensionamentos de controle da vida se movimentam, cegando a vigilância, traíndo a norma e acionando táticas que

⁴ O movimento de nossa escrita se filia aos estudos com gênerosexualidades e se encosta na teoria queer, um movimento de contestação de qualquer rotulação e normatização sexual. Valendo-nos disso, faremos um movimento inverso, contrariando a heteronorma científica. Sempre que utilizarmos uma palavra que possa generificar qualquer sujeito, faremos a primeira menção sempre no feminino (a), depois, por meio da linguagem inclusiva ou implicada (e) e, por último, no masculino (o), como neste exemplo: aluna/e/o. Desta forma, ensaiamos um borramento das fronteiras do binarismo linguístico e valorizamos hierarquicamente as populações mais subalternizadas socialmente.

mudam a organização do espaço, às relações entre movimentos sucessivos de um 'golpe', aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU, 1994, p. 96).

Entendemos sexualidade como uma rede de afetos, desejos. Como uma “estética política” (PRECIADO, 2022, p. 17), como “sistemas complexos de comunicação” (PRECIADO, 2022, p. 17) (idem) e como uma “montagem técnica entre vários corpos antes desconectados” (PRECIADO, 2022, p. 17). Segundo Foucault (2020), a sexualidade é um dispositivo atrelado a uma superfície em que há a estimulação dos corpos.

A sexualidade estaria fortemente envolvida em relações de poder e saber que se atrelam para movimentar os mecanismos imbricados na vida social que podem fugir a toda e qualquer prescrição desviando-se do que é esperado.

O desvio, aqui, se configura de toda e qualquer curva e dissonância que há entre uma sucessão estruturada de normas. A norma funciona, nessa direção, como um “princípio de comparação, de comparabilidade, de medida comum que se institui na pura referência de um grupo social a si próprio” (EWALD, 1993, p. 86). O que se compara menor do que a matriz normativa é excluído.

Certo dia de aula, ouvimos um professor contar de ‘pessoas estranhas’ que encontrava pela universidade. Segundo ele, “homem querendo ser mulher e mulher querendo ser homem”. Acrescentou que “se fosse pai de uma dessas criaturas, eu saberia o que fazer. Deixava de castigo e ainda dava umas boas pancadas. Esse mundo está virado”. A sexualidade sempre foi objeto de vigilância da sociedade. Quando nos reportamos às sexualidades que se desviam da norma, a intensidade desses olhos que se debruçam a esmiuçar os movimentos que reagem na contramão se esgarça na perspectiva de esquadrihá-las, como observamos com a fala do professor. Há policiamentos em torno das sexualidades e isso se intensifica quando pensamos nos pontos fora da curva e naquilo que é desviante.

Tocando na questão do desvio, a teoria queer como um movimento político subversivo surgiu como um manifesto (potente) – embora marginalizado por muitas pessoas, inclusive autoras/es que lidam com gênero e sexualidade em uma perspectiva crítica e denunciam as relações de

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

desigualdade e violência contra as diferenças, buscando superar a intolerância esgarçando a matriz da norma heterossexual, com seus limites (MISKOLCI, 2017) e descentramentos (SEIDMAN, 1995). *Queer*, grosso modo, quer dizer “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (LOURO, 2001, p. 546). São indivíduos e coletivos que lutam por reconhecimento, sendo favoráveis aos descentramentos, à instabilidade e à fluidez. A teoria queer encontra abrigo nesta nossa conversa à medida que ela também opera com movimentos de descentramentos e parte das margens, do estranho e do excêntrico. Ela se configura como um mecanismo de luta, de resistência, de manifesto e se alia com o que desvia.

Afinal, como um rapaz que é aluno do curso de Pedagogia e se reconhece como viado nos disse: “Viado não deita, meu amor! Se nos fecham uma porta, a gente pula pela janela”. O cotidiano como aposta *teóricometodológica* investe no inesperado, nos ineditismos (SUSSEKIND, 2012) e tem nos feito pensar no acontecimento, na efemeridade da vida, das táticas (CERTEAU, 1994) como ações desviacionistas e clandestinas de reinvenção das possibilidades de ser milhares de coisas ao mesmo tempo.

A partir das minhas e das nossas vivências, elencaremos a seguir algumas cenas cotidianas que enredam as nossas conversas e aguçam os nossos sentidos para bebermos em todas as fontes (ALVES, 2008) e pensarmos os atravessamentos de *gênerossexualidades* que interpelam o curso de Pedagogia e o fazem um território de acirradas disputas em torno de significações. Essas cenas são excertos de *vivênciasexperiências*, produzidas com e por meio de observações e conversas cotidianas com o curso de Pedagogia.

BABADO, CONFUSÃO E GRITARIAS: tensionando cenas que reinventam os cotidianos

CENA 1: De cara, na lanchonete, encontrei com duas meninas, que vestiam saias longas e pegavam café. Eram de Pedagogia e olhavam com desdém duas outras meninas que estavam abraçadas próximas a elas. Inicialmente, olhavam para as meninas e olhavam uma para a outra. Depois, não se contentaram e comentaram: “Eu não me passava por uma coisa dessa me agarrando com uma mulher. Eu teria era vergonha”. Para mim, nitidamente as

duas meninas, que narram ser uma vergonha “se agarrar com mulher”, eram evangélicas, pois vestiam blusas que indicavam alguma filiação religiosa e, por isso, se achavam no direito de se envergonhar do modo afetivo como as outras duas se tratavam.

Uma primeira questão que se coloca nessa situação é o pertencimento a uma religião evangélica, dita pela forma como elas estavam representadas e se vestiam (saias longas e camisas que sinalizavam vínculo com a religião). De forma muito ostensiva ali, as moças que assim estavam vestidas pareciam condenar qualquer relação que essa religião apresentasse como duvidosa. O alinhamento dessa matriz religiosa carrega uma discussão construída sob a perigosa moral, que desperta interdições sexuais (FOUCAULT, 2020) e a burla a qualquer preceito dela pode ser considerada como infrações graves. A discussão dessa cena inicial é pautada nos “desígnios da religião e está associada à produção dos indivíduos a imagem e semelhança de Deus, portanto, um ser perfeito” (FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011, p. 135). Essa primeira cena exala preocupações morais em torno da sexualização dos sujeitos e dos seus corpos.

Uma das primeiras preocupações e anúncios que buscamos fazer é sobre o sexo delas e a partir daí já se desenha toda uma arquitetura em torno da coerência sexo-gênero que precisa ser obedecida. O gênero, nesse caso, é utilizado como uma marcação da norma, “como um dos marcadores da diferença que produz a opressão” (BENTO, 2014, p. 483), pois, hegemonicamente, “o sexo não está desvinculado do gênero, ou seja, quando eu digo, “sou mulher” esse enunciado explicita a minha sexualidade” (BENTO, 2014, p. 482), que, nesse caso, se refere à heterossexualidade. A discussão da moralidade atravessa a religião pautada em ações que precisam estar em constante funcionamento, pois “a ação moral é indissociável dessas formas de atividade sobre si, que não são menos diferentes de uma moral para outra do que o sistema de valores, de regras e de proibições” (FOUCAULT, 1994, p. 558). Ou seja, são investimentos a partir de si e sobre si mesmo a propagarem-se socialmente e se transformarem em uma prática que se referencia como assertiva, correta e dentro dos preceitos da doutrina religiosa.

A noção de moral aqui está atrelada a “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

prescritivos diversos” (FOUCAULT, 2020, p.26). Esses aparelhos diversos se configuram como a família, a escola, a igreja e tantos outros que podem nos educar segundo uma heteronorma. Logo, a moral é um mecanismo sorrateiro, mas não menos eficaz da heteronorma, que visa inferiorizar quem se desvia da norma a fim de endireitar e “inverter a relação entre corpos “desconcertantes” e “desconcertados” (SOARES e FRAGA, 2016) em corpos retos ⁵ de modo que a norma siga seus preceitos sem desalinhamentos por meio de uma “ortopedia discursiva” (FOUCAULT, 2014). É preciso, porém, pontuar que “a norma em algum momento falha, ou se fragiliza, desliza” (POCAHY, 2011, p. 17).

Ante a cena descrita lá atrás, me perguntava a todo tempo se ocupar o lugar de um corpo que se alinha a determinada religião daria àquelas moças, possivelmente evangélicas, o direito de se envergonhar do modo afetivo como pessoas outras se tratavam. Posteriormente à situação, entendi que sim. Segundo o escopo das mais diversas religiões, sim. O cânone neoliberalista, de grande parte das religiões, ratifica a vivência em conformidade com a heteronorma. Sendo assim, legitima o movimento heterossexual e desmerece, regula e desqualifica as demais linguagens dos gênerosexualidades.

Com essa discussão posta, que atravessa a religião e as relações de gênerosexualidades, pensamos ser importante sinalizar que não partimos do pressuposto dos generalismos, a ponto de dizer que todas as pessoas que estão vinculadas a quaisquer que sejam as denominações religiosas encarem o desejo que ultrapassa a heterossexualidade de forma preconceituosa e tendem a encaixotar as pessoas em seus armários largados ao isolamento. Narramos aqui o que um caso pontual de uma atitude, vista por nós como conservadora, faz com o desejo que se desvia e com os corpos que se inscrevem na fronteira. O conservadorismo e seus tentáculos desqualificam e hostilizam os discursos (LOPES, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2018) que valorizam a multiplicidade e a diferença “expurgando as incontáveis dissonâncias e conflitos existentes” (LOPES, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2018, p. 09), operando com a recusa como subterfúgio político para desmerecer e julgar, assim como podemos sinalizar na cena a seguir que dialoga com a primeira, apresentando outras nuances.

⁵ Para nós, nos referimos a corpos retos como os corpos que se alinham à norma. Endireitados por ela, seguem uma retidão normativa.

CENA 2: Havia uma agitação nos corredores do Centro de Educação, local onde o curso de Pedagogia acontece. Vozes vinham de longe, mas, em um tom alterado, que dizia: “Bixa, me conta essa história direito: elas não quiseram que a gente ficasse no grupo delas, foi? E o professor falou o quê? Você foram lá dizer para ele que isso é grave? Nós estamos sofrendo preconceito, gente! Não querem fazer o trabalho em grupo com a gente porque nós somos viados (afeminados), vocês não entenderam que o problema é esse?”. Eu chego junto para ver o que acontecia e um dos meninos me aborda: “É preconceito ou não é? Pois nós vamos mostrar para elas que viado não deita, meu amoor! Vamos fazer um grupo só com as bixas, só com as perigosas e vamos dar o nome nesse trabalho. Vamos mostrar que viado não é bagunça. Se nos fecham uma porta, a gente pula pela janela!”

Entender o corpo para além da matéria e do conjunto de músculos, articulações e sistemas é primordial para vê-lo em sua complexidade. Compartilhamos do pensamento de Goellner (2008) quando ela diz que

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam. Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28).

O corpo é entendido aqui como um conjunto de sentidos sociais, culturais, afetivos e políticos (LE BRETON, 2006) que se coloca em um território de intensas disputas discursivas. O corpo é um jogo performático, assim como o gênero sexualidades. A performatividade aqui é vista como um processo que “às vezes oscila entre entender a performatividade como algo linguístico e apresentá-la como teatral” (BUTLER, 2007, p. 31). Entendemos esse processo de performatividade encostado a “uma teoria linguística do ato discursivo com os gestos corporais” (BUTLER, 2007, p. 31), pois se entrelaça aos olhos da sociedade que pode entendê-lo e compreendê-lo como processos que acontecem e se desdobram de muitas formas. Não podemos pensar na performatividade “nem [como] um livre jogo nem a autorrepresentação teatral;

nem pode ser simplesmente equiparada com a noção de performance no sentido de realização” (BUTLER, 2002, p. 145). Desse modo, partimos do pressuposto de que se esse processo se imbrica a um movimento de construção de modos de ser, estejam eles implicados com a norma ou não. Podemos pensar também nas rupturas das desmontagens e em como os *gênerosexualidades* também podem ser desfeitos, no sentido de serem produzidos de outros modos, que fujam da coerência que possa existir entre corpo-gênero-sexualidade.

É isso que acontece com a cena narrada anteriormente, um estranhamento a como um corpo biológico masculino, que performatiza o seu gênerosexualidade e, nesse por-fazer, se desvia ao sentido construído pela sociedade, que é centrado nos ditames da heteronorma, aqui entendida como “um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle” (MISKOLCI, 2009, p. 7) e, conseqüentemente, das relações de poder (FOUCAULT, 1996) que estão sendo exercidas na tentativa de controle dos gênerosexualidades. Afinal, podemos atentar que é por meio da linguagem e dos símbolos que “o poder se consolida e se perpetua, porque ele cria o conceito de verdade, naturalizando determinadas situações ou questões e repugnando outras” (CAETANO, JÚNIOR e GOULART, 2016, p. 131). As repugnações e as condições que legitimam ou não uma vida passam pelas relações de poder e pelos limites estabelecidos pela modernidade que nomeiam e rotulam o que cada um/a é. Como Trevisan (2018) aponta:

[...] a polivalência humana acabou sendo comprimida em categorias compartimentais como hetero, homo e bissexualidade, a partir de definições dualísticas que se baseiam no certo e errado, natural e antinatural, etc. Ora, tais categorias seriam dispensáveis se o macho hegemônico não precisasse se defender tanto de si mesmo [...] a sexualidade humana floresce como uma vivência policrômica, sem necessidade de categorias escritas, nem muito menos juízos morais daí derivados, valendo apenas os limites do convívio social. (TREVISAN, 2018, p. 200).

Temos observado que a preocupação em torno do *status* da heterossexualidade como uma norma tem se dado pela inquietação com o possível alargamento das possibilidades dela própria. Afinal, o que seria a heterossexualidade? Quais os cânones, os limites que estão encrustados nela?

Quando pensamos nessas questões, compreendemos que a homossexualidade seria um contradiscurso que resiste à centralidade da heteronorma. Logo, visualizamos a heterossexualidade como a coerência do corpo-sexo-gênero-desejo. Esse é o ponto nodal da cena, a inversão da norma, o perigo da fronteira e a deslegitimação de corpos e dos gênerosexualidades que vão sendo colocados à margem, mas que, mesmo da margem, reagem e, por meio do manifesto e do barulho, denunciam a névoa tóxica conservadora.

É interessante sublinhar que, diante dos tensionamentos narrados a partir da cena, um sentimento de revolta paira, mas, ao mesmo tempo, é um sentimento de vitalismos e de resistência, que cria laços afetivos de união e força que fazem ‘os viados’ pensarem em se unir e em pular a janela normativa para esgarçá-la. Uma outra questão que se coloca nesse entremeio é: será que o desvio da norma precisa sempre provar que, (mesmo) carregando um gênerosexualidade desviante, é possível conseguir realizar certas coisas e, às vezes, com mais esforços para que haja um diferencial superior, para que não restem dúvidas da possibilidade de realização de certas questões? Nos aliamos a Foucault para pensarmos em “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?” (FOUCAULT, 1981, p. 1). Nesse sentido, acreditamos, juntos com Ortega (1999) que

A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos antirracistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo “direito relacional”, que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las [...] A possibilidade de constituir formas novas de sociedade é também possível para a comunidade heterossexual, que tem de ser incluída na luta por um novo “direito relacional”. (ORTEGA, 1999, p. 170)

Talvez o afeto e a amizade sejam boas companhias para repensarmos, em se tratando de sexualidades desviantes, “uma prática sexual que, enquanto tal, é combatida, barrada, desqualificada. (FOUCAULT, 1996, p. 268).

CENA 3: Era após o horário do almoço. O fluxo na praça Mariele Franco, localizada no Centro de Educação, era pequeno. As pessoas estavam partindo

cada uma para sua sala porque as aulas do turno da tarde estavam começando. Sento-me em um dos bancos da praça e fico por ali, observando a vida e capturando os acontecimentos. Uma turma se aproxima, senta e conversa junto a mim. Duas meninas se abraçam e se sentam em cima da mesa, um menino começa a mexer no celular. As meninas se abraçam, trocam carinhos, se beijam e as pessoas que passam olham, se olham e baixam a cabeça. Eu as/es/os abordo: “Oi, gente, tudo bem?”. Ele/elas respondem: “Tudo sim, e contigo?”. Eu pergunto: “Vocês são alunas/es/os de qual curso?”. Todas/es/os respondem: “Somos estudantes de Pedagogia. E você?”. Eu explico que sou estudante do Doutorado e prossigo com a conversa. “O que vocês acham do curso?”, pergunto. Monossilabicamente, me respondem: “Legal!”. Continuo: “Vocês se sentem acolhidas/es/os pela universidade? Pelo curso?”. O menino me diz: “Sinceramente, o curso é meio chato, sabe. A turma é parada, careta!”. Uma das meninas que estavam sentadas na mesa retruca: “O curso é bom, mas a turma é sem graça! A gente não pode discordar, a gente não pode pautar outros assuntos. É sempre a mesma coisa. É proibido ser diferente”. Eu interfiro: “Falando em diferença, vocês se sentem diferentes?” Respondem: “Claro! Me sinto ‘muuuito’ diferente!”. O menino diz: “Eu também! Uma sapa e uma bicha aterrorizam o negócio”. Ela retoma: “Me sinto um patinho feio para algumas pessoas, mas muito amada por outras. Não tenho vergonha de ser quem sou e de amar quem amo, embora não sejamos respeitadas e levadas a sério por todo mundo!”.

O ato de olhar, se olhar e baixar a cabeça pode nos dizer algumas coisas, entre as quais: a primeira coisa que esse ato nos faz entender é que aquilo que acontece ali, o afeto e a troca de carinho de duas mulheres em um local público, é incômodo, reprovável. Mas, será que a reação seria a mesma se fosse um casal heterossexual? A relação conflituosa de gênero e sexualidade que ali acontece não seria problemática se houvesse uma coerência entre quem troca afetos? Certamente, há manifestações de poder que hierarquizam e verticalizam algumas relações em detrimento de outras, aproximando-as ou distanciando-as daquilo que pode ser considerado normal, ou seja, que dialoga com a norma sem uma relação de conflito.

À medida que conversávamos, passavam pessoas que as cumprimentavam: “E aí, sapas”, “e aí, rachas”, “e aí, safadas”. Perguntei se

elas não se incomodavam com aquele tipo de abordagem. Elas me responderam: “Não nos incomoda de forma nenhuma. Independentemente do que disserem, nunca vão nos fazer sermos outras pessoas e somos muitas coisas ao mesmo tempo”. Aqui, a possibilidade de ser muitas coisas ao mesmo tempo se atrela à discussão que reconhece a fluidez da vida, suas aberturas, fissuras e ratifica o seu potencial de desterritorialização, reterritorialização (DELEUZE, 2003) e de multiplicidades (CORAZZA, 2003).

Quando pensamos em quem somos e partimos para uma questão que corresponde aos modos como somos produzidas/es/os, é preciso dizer das linhas de feitiçaria dos gênerosexualidades e dos processos que as fazem dançar, se multiplicar, sumir, reaparecer, atritar-se para refletirmos que

[...] toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular (BRITZMAN, 1996, p. 74)

Essas controvérsias esbarram nos processos que nos fazem diferentes e é a partir das diferenças que somos reconhecidas/es/os, incluídas/es/os e/ou excluídas/es/os. Não é a diferença não em si mesma, mas os movimentos de idas e vindas que nos produzem como diferentes. É preciso dizer que a diferença (nos) assusta, pois, segundo o processo de ordenamento que produz a norma e que busca a todo tempo a padronização de nossos corpos por meio de variados e incansáveis mecanismos e estratégias, há rompimentos, alargamentos, descontinuidades. A proibição narrada na cena 3 está posta para nós muito mais como uma vigilância (FOUCAULT, 2014), um modo de escrutínio, um medo de represália, quando afirma que “é proibido ser diferente”, do que como uma proibição, de fato. Como citamos anteriormente, a norma vacila, escapa e assim torna-se possível uma contra norma, pois, por mais rígida que a norma que possa ser, há sempre brechas que afrouxam seus nós e torna possível o movimento com a diferença.

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

Para Deleuze (2006), a diferença é concebida como produtiva, como um mecanismo de descoberta e produção de outros possíveis de vida, como um potencial criativo de produção de multiplicidades, de novas formas de pensar, de agir e de movimentar a vida. Nesse sentido, a partir da perspectiva que compreendemos, a diferença

não tem um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação - as supostas características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros. Ao contrário, [nos referimos] às diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatural, o intempestivo. Diferenças que fazem diferença. (ROLNIK, 1994, p. 01)

O lócus estudado nos parece valorizar (muito) pouco as diferenças e, conseqüentemente, as diferentes possibilidades de ser e estar no mundo e de as colocar em debate, retorcê-las. Dizemos isso como pessoas que conviveram, e ainda convivem, de certo modo, com o curso e os movimentos feitos por e nele. Não queremos dizer com isso que nada é feito. Mas precisamos lembrar que o que é feito, pelo menos diante das céleres transformações sociais, sobretudo o grande cenário de pessoas LGBTQIAP+ que lutam contra o preconceito, ainda nos é incipiente. Quando fomos estudantes do curso, essas discussões que atravessam temas como gênerosexualidades sequer eram cogitadas. Elas eram recusadas e menosprezadas, assim como as pessoas que viviam no desvio, na margem.

A denúncia relatada pelas alunas de que nada muda, é um indício de que a mesmice que paralisa os processos formativos do curso, em detrimento do fomento a questões que se colocam em seus fazeres cotidianos, precisam estar mais presentes. Sobre as cenas, podemos perceber que convivemos com regras, com normas e as aceitamos. Entretanto,

sobre elas agimos, revertendo-lhes a lógica, criando espaços para aquilo que não está previsto, buscando, com isso, o desenvolvimento de nosso trabalho de acordo com nossas crenças e expressando valores não contemplados pelas regras oficiais, sejam elas comportamentais, políticas e/ou pedagógicas (OLIVEIRA, 2008, p. 63).

Como nos ensinou Certeau (1994), podemos fazer outros usos daquilo que nos é dado, como, por exemplo, pular as janelas da norma e fazer movimentos outros em torno de nossas reivindicações. Podemos nos utilizar de nossa criatividade cotidiana (CERTEAU, 1994) para criar, viver e resistir.

O curso de Pedagogia e os processos formativos que produzem sujeitos que estarão, nos próximos tempos, mundo afora, disseminando ideias e invadindo os mais diversos territórios da vida, precisam se aproximar das discussões que contemplam os marcadores de gênerosexualidades e das diferenças, os quais fazem parte dos movimentos cotidianos que são constituídos de “quebras, rupturas, demolições, que podem variar em ritmo e intensidade, mas que acontecem forçosa e repetidamente ao longo de nossa existência” (ROLNIK, 1994, p. 02).

Entendemos por meio das conversas que elas são “um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (CERTEAU, 1994, p.49). Por meio das conversas, das intempestividades cotidianas e das táticas incontroláveis, que ateam fogo na norma e sopra suas cinzas para o mundo, aprendemos que os gênerosexualidades que se desviam da heteronorma golpeiam os processos que tentam engessar a vida e pouco a pouco vão desmobilizando a norma, fazendo dela um escape na tentativa de fazer falar e revolucionar os cotidianos do curso de Pedagogia.

“VAMOS FECHAR?”: disputas e outros possíveis de vida com o curso de Pedagogia

Há todo um policiamento em torno dos gênerosexualidades desviantes. Foram criados dispositivos para “ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular” (FOUCAULT, 2020, p. 36) o que se faz, o que se sabe e o que se estuda sobre essas questões que desafiam a heteronorma. Definiu-se o que pode ser legitimado em torno de uma discussão moral, religiosa e científica em torno de uma norma do desenvolvimento sexual para cuidar e caracterizar todos os desvios (FOUCAULT, 2020) dos gênerosexualidades. Por isso, os desvios da homossexualidade e de todas as outras linguagens da sexualidade, exceto a heterocentrada, são/estão inscritas

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

na perversão, no desvio, na abjeção, na margem e estão fadados a enfrentar as mais diversas investidas e regulações.

Vivemos tempos de “extermínio de todos os corpos [gêneros e sexualidades] cujos modos de conhecimentos ou afecção desafia[m] a ordem disciplinar” (PRECIADO, 2019, p. 11). Vivemos à espreita de toda a vigilância (FOUCAULT, 2014) que se possa imaginar. Por isso, desafiamos a ordem disciplinar e a todo tempo somos desafiadas/es/os por elas.

As questões que tocam gênerosexualidades gritam nos cotidianos do curso de Pedagogia e enfrentam a norma que tenta boicotar seu brilho e sua força vívida. O curso de Pedagogia nos tem dito que é preciso enfrentar o conservadorismo que move seus tentáculos agressivos sobre os desvios tentando ensurdecê-los, mas, ao mesmo tempo, nos mostra que a força das diferenças fere, ataca e desterritorializa a heteronorma, afrontando-a. Nesse processo, o que temos a fazer é resistir e esperar, pois dias melhores estão por vir.

Por isso, acreditamos naquilo que se move, nas táticas de reinvenção da vida cotidiana e naquilo que, em alguma medida, passa a perna, engana e faz adormecer a norma, a heteronorma, o que acontece no curso de Pedagogia. Entendemos que, por mais que façam, nem todos os corpos e gênerosexualidades se conformam e se alinham a ela. Seguimos apostando nas frestas, na teimosia, na liberdade e na resistência como modo de reivindicação pelo direito de aparecer (BUTLER, 2019) e de lutar por uma vida que possa ser vivida.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. pp. 15-38.

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. *Educar em Revista*, [S.l.], v. 17, n. 17, p. 53-62, jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2067> . Acesso em: 27 jun. 2023

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 64-76, Maio/Jun/Jul/Ago 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023

BENTO, Berenice. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. *Cadernos Pagu* v. 43, p. 475-497, Julho/Dezembro. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vYNRnLtFHvh6fhCRw5H86tB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 fev. 2023

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002. 172 p.

BUTLER, Judith. O Parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 219-260. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vSbQjDcCG6LCPbJScQNxw3D/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 fev. 2023

BUTLER, Judith. *El género en disputa*. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. P. (Org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-108.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 226 p.

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e Políticas da Rua*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 172 p.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CAETANO, Márcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; GOULART, Treyce Ellen Silva. “Eu me sentia assim, meio que excluído”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M.G.; MOUTINHO, L. (Orgs.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 127-156. ISBN: 978- 85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0008>

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994. 351 p.

CORAZZA, Sandra Mara. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 129p.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20 (2), jul/dez. 1995.

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

DORNELLES, Priscila Gomes. *A (hetero)normalização em práticas pedagógicas da Educação física escolar*. 2013. 193 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de pós-graduação em Educação (PPGedu), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2013.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Trad. Peter Pál Pelbart. 240 p.

DELEUZE, G. *Deux régimes de fous*. Texts et entretiens, 1975-1995. In: LAPOUJADE, D. (Org). Paris: Minuit, 2003. pp. 180-200

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 657p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. 1ª edição (5ª reimpressão). Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 160p.

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite. *Método: Pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. pp. 199-212

EWALD, François. *Foucault a norma e o direito*. Trad. Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Veja, 1993. 230p.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, v.2, p.132 –144, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/181/186>

Acesso em: 10 fev. 2023

FOUCAULT, Michel. *De l'amitié comme mode de vie*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39.

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. 1954-1988. Édition de Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994. 1700p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996. 432p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 42ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 296p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2020. 176p.

GARCIA, Regina Leite. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: (org.) GARCIA, Regina Leite. *Método: Pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. pp. 10-30.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 43-53

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006. 104p.

LOPES, A; et al. *Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo*. Pernambuco: Ed da UFPE, 2018. 303p.

LOURO, Guacira. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estud. Fem.* v. 9 (2). pp. 541-553, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 mar. 2023.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan/junh. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRjyv9GszMddwqpnrcrJvdn/?format=pdf> Acesso em: 07 maio 2023.

MISKOLCI, Richard. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-747, Set/Dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 abr. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. ANPED Nacional: Seminário ANPEd 23/08: " A educação pública é do público" YouTube, 23 de Agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5e8ed2qVw>

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. *Estudos do Cotidiano & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 120p.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 184p.

PINAR, William. *What is Curriculum Theory?* 2. ed. New York: Routledge, 2012. 230p.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. 167f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PRECIADO, Paul B. La izquierda bajo la piel: Um prólogo para Suely Rolnik. In: ROLNIK, Suely (Org.). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. 2ª Ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019. pp. 11-21.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Tradução Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 84p.

“SE NOS FECHAM UMA PORTA, A GENTE PULA PELA JANELA”: o que os cotidianos do curso de Pedagogia nos têm dito sobre gênerosexualidades desviantes?

ROLNIK, Suely. “O mal-estar na diferença”, *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 97-103, fev, 1994.

SOARES, Carmen; FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2, p. 77– 90, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643887>.

Acesso em: 28 jun. 2023.

SEIDMAN, Steven. “Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical”. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). *Social Postmodernism. Beyond identity politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. “O ineditismo dos estudos nos/dos/com os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, Brasil”. *E-curriculum*, v. 8, n. 2, p. 1-21, ago. 2012. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/766/76623546007.pdf>. Acesso em 07 mar. 2023.

SÜSSEKIND, M. L. *Teatro de ações: arqueologia dos estudos nos/dos/com os cotidianos. Relatos das práticas pedagógicas emancipatórias nas escolas*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. “As (im)possibilidades de uma Base Comum Nacional”. *Revista E-curriculum*, v. 12, n. 03, p.1512-1529, out./dez. 2014.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/21667/15917>

[Acesso em 17 mar. 2023.](#)

SUSSEKIND, Maria Luiza; PAVAN, Ruth. Outras metodologias e outras epistemologias: pesquisas com currículos a caminho de bacurau. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 1-7, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47485>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: ayvu, 2018, p. 11-13.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4 ed. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2018. 552p.

VITTAR, Pablo. Buzina. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil: 2019. (135 minutos)

Recebido em: 28/09/2023.

Aceito em: 12/12/2023.

JOSÉ RODOLFO DO NASCIMENTO PEREIRA

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e, atualmente, é doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPB). Tem desenvolvido suas pesquisas no âmbito dos estudos de Currículo, Diferença, *Gênerossexualidades*, Teoria queer e suas relações com as pesquisas com os cotidianos.

 rodolfonp2016@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4762296278837054>

 <https://orcid.org/0000-0001-7158-4865>

JEANE FÉLIX DA SILVA

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, é professora vinculada ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL) e do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/CE/UFPB). Desenvolve pesquisas no âmbito dos estudos de Gênero e sexualidade; Didática e Currículo, Políticas públicas intersetoriais e Formação de profissionais de educação e de saúde.

 jeanefelix@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/7927273805588210>

 <https://orcid.org/0000-0003-4754-0074>

ANA CLÁUDIA DA S. RODRIGUES

Professora Associada do Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo Estudos e Pesquisas em Políticas Curriculares, vinculada a Linha de Políticas Educacionais do PPGE/CE/UFPB. Desenvolve pesquisas sobre Políticas Curriculares para o Ensino Médio, Educação Integral, Formação do Educador, *Generossexualidades* e estudos com os cotidianos.

 ana.rodrigues@academico.ufpb.br

 <http://lattes.cnpq.br/6240637144545401>

 <http://orcid.org/0000-0001-6621-1861>